

O MITO DA CAVERNA E SUA RELAÇÃO COM A MANIPULAÇÃO MUDIÁTICA

Eli Carlos Dal'Pupo¹
Yuri de Souza Magina²

RESUMO: Este artigo pretende evidenciar a relação existente entre o mito da caverna, de Platão, presente no livro VII da *República*, e o controle midiático exercido pela indústria cultural, conceito criado por Theodor Adorno e Max Horkheimer e apresentado na obra *Dialética do Esclarecimento*, publicada em 1947. Os teóricos de Frankfurt apresentam o resultado de suas pesquisas durante o exílio nos Estados Unidos, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, onde é evidenciado o conceito de indústria cultural, termo que originariamente surgiu no ensaio *The Radio Symphony, Current of Music: elements of a radio theory*, que Adorno produziu durante o período que trabalhou no *The Princeton Radio Research*. O conceito de esclarecimento usado por Adorno é definido por Kant, como a saída do homem do estado da menoridade, sendo capaz de usar a própria razão para guiar suas ações. Os personagens presos na caverna de Platão, hoje se assemelham àquelas pessoas que não buscam combater a ignorância em busca do esclarecimento, através da pesquisa de uma notícia em várias fontes para poder construir o próprio juízo sobre os assuntos, deixando de ser manipulado pela indústria cultural.

Palavras-chave: Platão, Kant, Esclarecimento, Adorno, Horkheimer, manipulação, mídia, comunicação, caverna.

RESUMO: Questo articolo intende mostrare la relazione tra il mito della caverna di Platone, presente nel libro VII della *Repubblica*, e il controllo mediatico esercitato dall'industria culturale, concetto creato da Theodor Adorno e Max Horkheimer e presentato nell'opera *Dialettica dell'Illuminismo*, pubblicata in 1947. I teorici di Francoforte presentano i risultati delle loro ricerche durante l'esilio negli Stati Uniti durante la seconda guerra mondiale, dove viene evidenziato il concetto di industria culturale, termine che apparve originariamente nel saggio *The Radio Symphony, Current of Music: elements of a radio theory*, che Adorno ha prodotto durante il suo periodo presso *The Princeton Radio Research*. Il concetto di illuminazione usato da Adorno viene da Kant, che definisce l'illuminazione come l'uscita dell'uomo dallo stato della minoranza, essendo in grado di usare la ragione stessa per guidare le sue azioni. I personaggi intrappolati nella caverna di Platone assomigliano oggi a quelle persone che non cercano di combattere l'ignoranza in cerca di illuminazione, cercando notizie da varie fonti al fine di costruire il proprio giudizio sugli argomenti e cessare di essere manipolati dall'industria culturale.

Parole-chiave: Platone, Kant, illuminazione, Adorno, Horkheimer, manipolazione, comunicazione, caverna.

¹ Graduado em Filosofia – PUCPR, especialista em Filosofia com ênfase em Ética - PUCPR, mestre em Filosofia – PUCSP. Professor da Faculdade da Indústria - IEL, da Faculdade Vicentina e diretor de escola.

² Bacharelado de Filosofia na Faculdade Vicentina. Contato: maginayuri@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende averiguar a relação entre o mito da caverna, presente na obra *República*, de Platão e o controle midiático através da indústria cultural. Para estabelecer essa relação, usaremos como base a obra *Dialética do Esclarecimento*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer.

Numa sociedade cada vez mais guiada pela aparência, tanto das coisas, como das pessoas, observa-se a importância da análise do mito da caverna, presente no livro VII da obra *A República*. É de grande valia uma “releitura” deste mito, aplicando-o em nossa sociedade, pelo viés do controle que a mídia exerce na tomada de decisão dos indivíduos sobre os temas e assuntos em voga no meio social, fazendo com que as pessoas sejam usadas como objeto de difusão de suas ideias. Observa-se que cada vez mais os meios de comunicação almejam usar o povo como objeto de manipulável, não deixando que o mesmo formule opiniões e tire suas conclusões sobre os acontecimentos. Platão vem com este fragmento, recordar a importância da vivência do que ele ensina para que as pessoas sejam críticas no pensar e julgar sobre fatos e questões da atualidade, sem a influência manipuladora da mídia.

Para tanto, a abordagem se dará a partir do desenvolvimento de três tópicos, a saber: no primeiro situar-se-á o contexto histórico-filosófico de Platão. Em seguida se conceituará o mito da caverna nos quatro sentidos em que ele se apresenta. E por fim, será relacionado o mito da caverna com a manipulação midiática.

Ao falarmos do contexto histórico-filosófico a partir do qual Platão escreveu *A República*, será possível compreender os motivos que o levaram a desenvolver essa obra, em especial o livro VII. Ao abordar o mito da caverna, se fará necessário descrever cada elemento que Platão apresenta, para assim conseguir entender a sua filosofia, e por fim, discorrer sobre os quatro sentidos do mito da caverna: ontológico, gnoseológico, místico-teológico e político.

Após a abordagem sobre o mito da caverna e todas as suas implicações, o próximo objetivo deste artigo será o de estabelecer as possíveis relações entre o mito da caverna e o controle midiático exercido sobre as pessoas através da indústria cultural à luz da filosofia de Theodor Adorno, onde se abordará a questão da indústria cultural como manipuladora das opiniões.

Ao estabelecer estas relações, procurar-se-á indicar caminhos para soluções que levarão ao rompimento do controle midiático exercido fortemente pela

indústria cultural sobre as pessoas, fazendo com que cada pessoa se sinta indivíduo responsável pela construção da própria história e de seu consumo cultural.

1. O CONTEXTO HISTÓRICO FILOSÓFICO DE PLATÃO

Antes de adentrar a exposição referente ao objeto de estudo deste artigo, é de grande valia localizar-se na história da Filosofia, que nasceu por volta do século VII a.C., com Tales de Mileto. O problema de pesquisa, porém, delimita-se entre o final do século V a.C. e início do século IV a.C., quando se observa a crise da *pólis* grega e o pleno desenvolvimento da Filosofia.

A crise acontece a nível moral e político, por conta do governo dos *sofistas* (do grego, sábios), que se caracterizaram pelo uso da retórica e da sofística: “retórica é a técnica do discurso persuasivo, a ciência do bem falar [...] a sofística é uma atitude intelectual que faz da linguagem um simples meio de influência e de poder.” (JEANNIÈRE, 1995, p. 17). A crise observa-se particularmente quando o grupo dos *erísticos* (considerados a segunda geração dos *sofistas*) assume o poder, pois a grande característica deste grupo era somente se preocupar com a forma do discurso, em produzir bons argumentos e não com o conteúdo do mesmo, vendendo o conhecimento sem preocupação com a verdade. É neste cenário que se apresenta a figura de Platão

“Platão nasceu em Atenas em 428 a.C. e morreu na mesma cidade em 347 a.C. [...] Platão viveu no lugar certo, no tempo certo” (ZINGANO, 2002, p. 17), pois à sua época, Atenas gozava de grande prestígio socioeconômico e comercial, porém, é nesse período que acontece a Guerra do Peloponeso, entre Atenas e Esparta. Com sua derrota, Atenas é submetida ao o governo dos trinta tiranos (ZINGANO, 2002, p. 19).

Os dois grupos estavam, no começo, em pleno desabrochar de todas as suas forças. O resto do mundo grego se juntava a cada lado, imediatamente, ou projetava fazê-lo. Foi realmente a maior crise que abalou a Grécia e uma parte do mundo bárbaro. (JEANNIÈRE, 1995, p. 10)

Na periodização da história da Filosofia, Platão pertence ao período Socrático, quando toda produção filosófica se volta para a ação do homem na *pólis*,

com o objetivo de colocar novamente em ordem o que havia sido desorganizado pelos *erísticos*. Por isso, a Filosofia de Platão será principalmente voltada ao tema da Política.

É no cenário de uma *pólis* em crise, após o governo dos trinta tiranos, que acontece o julgamento e a condenação de Sócrates – por querer enfrentar os *erísticos* – que era um *sofista* preocupado com o bem comum. “Sócrates é julgado e condenado à morte sob a acusação de perverter jovens e introduzir novos deuses” (ZINGANO, 2002, p. 21), desrespeitando os deuses da cidade. Indignado com esta injustiça, segundo Jeannièr (1995, p. 21), Platão é o porta voz de Sócrates, assassinado com aprovação das leis do Estado. Indignado com esta injustiça, Platão ressuscita-o dando-lhe a oportunidade de defender-se.

A *pólis* era tida como ideal de justiça e igualdade, e através da *República*, Platão indica os caminhos que se devem seguir para que exista a *pólis* ideal, e para tal, o autor usa o governo de Esparta como sua inspiração.

Tendo vivido na época da decadência da gloriosa democracia ateniense, examina, analisa e denuncia a degradação da polis: não o seu esplendor. É também – como todos os grandes conservadores – um historiador (e um moralista) da decadência das nações, mais que da sua grandeza. (BOBBIO, 1994, p. 46)

O método que Platão usa em seus escritos³ é o diálogo, nos quais ele nunca dá a conclusão de um assunto, deixando esta, para seu interlocutor. Apesar de sua vasta produção, este artigo apresenta *A República*, na qual Platão, segundo Cotrim e Fernandes (2014, p. 235) propõe a *pólis* ideal, na qual, o Estado deveria ser governado por um rei filósofo.

Portanto, Platão propõe um modelo aristocrático de poder, não uma aristocracia da riqueza, mas aquela em que o poder é confiado aos mais sábios. Ou seja, trata-se de uma sofocracia. (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 289)

³ De suas obras que temos conhecimento, ao todo, trinta e seis, foram divididas em nove grupos com quatro obras cada um, dando-se o nome de tetralogia I: Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon; II: Crátilo, Teeteto, Sofista, Político; III: Parmênides, Filebo, Banquete, Fedro; IV: Alcebiades I, Alcebiades II, Hiparco, Amantes; V: Teages, Cármides, Laques, Lísias; VI: Eutídemo, Protágoras, Górgias, Mênon; VII Hípias maior, Hípias menor, Íon, Menexeno; VIII: Clitofon, República, Timeu, Crítias; IX: Míno, Leis, Epinomis, Cartas (REALE; ANTISERI, 2003, p. 134).

Ao olhar *A República*, percebe-se que o tema central da obra é a justiça associada ao conhecimento para o perfeito ordenamento da *pólis*. Na obra temos “uma descrição da república ideal” (BOBBIO, N. 1994, p. 45), onde Platão indica seis formas de governo, três virtuosas⁴ e três corruptas⁵. Ele valida a escolha pela sofocracia⁶, pelo seguinte fragmento:

Enquanto não forem, ou os filósofos reis nas cidades, ou os que agora se chamam reis e soberanos filósofos genuínos e capazes, e se dê esta coalescência do poder político com a filosofia [...] não haverá trégua dos males [...] para as cidades, nem sequer, julgo eu, para o género humano. (PLATÃO, 1949, p. 252)

Segundo Reale e Antiseri (2006, p. 158), a Política, para Platão se funda no conhecimento da Verdade, e para que houvesse o Estado ideal, ele divide a educação em três classes: a que deveria ser dada às almas de bronze, de prata e de ouro, com esta classificação, observamos a esfera psicológica da doutrina platônica, pois as almas de bronze representam os artesãos, comerciantes e agricultores, que se baseiam em um conhecimento empírico, apenas preocupado em sobreviver. As almas de prata representam os guardiões, que tem como função proteger a cidade. As almas de ouro representam os políticos, que tem o dever de governar. O ordenamento perfeito da *pólis* depende da harmonia entre as três classes, que está na justiça (cada um fazer o que lhe compete), que gera a ordem (*pólis* justa).

A psicologia de Platão, na análise de Jeannière (1995, p. 119), se manifesta como um eco da organização social da *pólis*. Ele concebe o homem como um microcosmo e a cidade como um macrocosmo, sendo que o homem só encontra seu sentido de ser um animal político, dentro da cidade.

⁴ Aristocracia: “Forma de organização social e política em que o governo é monopolizado pela camada da nobreza.” (BUENO, 2000, p. 83). Monarquia: “Estado governado por um monarca; forma de governo em que o poder supremo é exercido por um monarca” (BUENO, 2000, p. 521). República: “Forma de governo em que o supremo poder é exercido temporariamente, por um ou mais cidadãos eleitos pelo povo” (BUENO, 2000, p. 673).

⁵ Oligarquia: “Governo de poucas pessoas; predomínio de uma facção ou grupo na direção dos negócios públicos.” (BUENO, 2000, p. 553). Democracia: “Forma de governo na qual o poder emana do povo e em nome dele é constituído” (BUENO, 2000, p. 222). Tirania: “Domínio ou poder do tirano; governo opressor e cruel.” (BUENO, 2000, p. 756).

⁶ Sofocracia: “o poder é confiado aos mais sábios” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 289).

Apesar da vasta produção filosófica de Platão, interessa a este artigo, o livro VII da *A República*, onde se encontra o mito da caverna, no qual, o autor dá novo significado ao mito, pois é através dele, como recurso pedagógico, que Platão explica suas ideias, pois é quase impossível, ao ler o mito, não imaginar as descrições que Sócrates faz da situação:

SÓCRATES — [...] Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão [...], de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles [...]; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa [...]; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, [...] Imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, [...]; uns falam e outros seguem em silêncio. [...] achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos e dos seus companheiros, mais da que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica defronte?

Glauco — Como, se são obrigados a ficar de cabeça imóvel [...]?

[...]

Sócrates — Portanto, se pudessem se comunicar uns com os outros, não achas que tomariam por objetos reais as sombras que veriam? [...]. E se a parede do fundo da prisão provocasse eco, [...] não julgariam ouvir a sombra que passasse diante deles? [...] não atribuirão realidade senão às sombras dos objetos fabricados. [...] Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão fantasmas, mas que agora, [...], vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçada e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora? [...] E se a forçarem a fixar a luz, os seus olhos não ficarão magoados? [...] E se o arrancarem à força da sua caverna, o obrigarem a subir a encosta rude e escarpada e não o largarem antes de o terem arrastado até a luz do Sol, não sofrerá vivamente e não se queixará de tais violências? E, quando tiver chegado à luz, poderá, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, distinguir uma só das coisas que ora denominamos verdadeiras? [...]. Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras; em seguida, as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas; por último, os próprios objetos. Depois disso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da

Lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu da que, durante o dia, o Sol e a sua luz. [...]. Por fim, suponho eu, será o Sol, e não as suas imagens refletidas nas águas ou em qualquer outra coisa, mas o próprio Sol, no seu verdadeiro lugar, que poderá ver e contemplar tal como e. [...]. Depois disso, poderá concluir, a respeito do Sol, que é ele [...], que governa tudo no mundo visível [...]. Imagina ainda que esse homem volta à caverna [...]: não ficará com os olhos cegos pelas trevas ao se afastar bruscamente da luz do Sol? [...]. E se tiver de entrar de novo em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vista confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo bastante longo, não fará que os outros se riam à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se a alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria, se pudesse fazê-lo?

Glauco — Sem nenhuma dúvida. (PLATÃO, 1999, p. 225- 228)

Ao nos depararmos com este fragmento, podemos de forma simples, perceber o que Platão utiliza de elementos do cotidiano para poder passar um ensinamento aos seus leitores através das gerações, pois todos sabem o que é caverna, fogueira, a questão de luz e sombra, de modo que o autor nos projeta para a cena da caverna, e ao ler temos condição de imaginar o desenrolar da narrativa diante de nossos olhos

2. OS QUATRO CONCEITOS DO MITO DA CAVERNA

No fragmento do livro VII, que talvez seja o mais conhecido, até mesmo que todos os outros escritos - segundo Reale e Antiseri (2003, p. 163), a ontologia de Platão divide a realidade em sensível e supra-sensível; as sombras representam a aparência sensível das coisas, ao passo que as estátuas representam as coisas sensíveis. O muro, onde passam os carregadores, é a fronteira entre o sensível e o supra-sensível. As estátuas que são carregadas do outro lado do muro são a representação simbólica do ser verdadeiro e o sol representa o uno/bem.

A gnoseologia de Platão é expressa nas duas espécies e nos dois graus em que se dividem: a visão das sombras é a *eikasía* (imaginação), a visão das estátuas é a *pístis* (crença). A transição entre a visão das sombras e contemplação dos objetos denomina-se *dialética*. No que se refere ao sentido místico-teológico, Platão nos

indica que a vida dentro da caverna é vivida na dimensão dos sentidos, onde só se conseguirá viver pela aparência das coisas, e a libertação, representada no mito, pela soltura das algemas e saída da caverna para contemplação das coisas físicas é a contemplação do Bem, do que Platão tem como Divino.

A dimensão política do mito, se expressa no retorno do prisioneiro à caverna, que após contemplar a Verdade, deseja que seus companheiros também o façam, representando o que Platão chama de filósofo-político, que não deixa somente para si a experiência, pois o “verdadeiro político [...], não ama o comando e o poder, mas usa o comando e poder como serviço”. E o que dá sentido a esse retorno (mesmo com dificuldades de se readaptar a escuridão), é a contemplação do Bem, com o intuito de salvar seus companheiros.

A concepção que Platão tem do mundo comporta um kósmos, dois mundos (o real e o ideal) e quatro realidades ou níveis. No mundo ideal, ao qual se tem acesso pela razão, temos a Ideia perfeita de todas as coisas. Nele estão contidas as realidades do uno/bem e das ideias. A contemplação do uno/bem que é a pura contemplação da Verdade, chamamos de *noésis*. O conhecimento das Ideias é conhecer a Verdade, a essência das coisas, o que chamamos de *dianóia*. Este mundo é acessado pela *episteme*.

No mundo real, que é acessado através dos sentidos, temos as cópias imperfeitas das coisas. Nele estão contidas as realidades das coisas físicas e das sombras. O conhecimento das coisas físicas é saber distingui-las a partir de um conhecimento elaborado, movimento denominado *pistis*. O conhecimento das sombras que é a simples imaginação é o nível mais baixo de conhecimento, que se denomina *eikasia*. Este mundo é acessado pelo *doxa*.

Para entender melhor estes termos, com base nos escritos de Pecoraro (2008, p.43), *noésis* significa conhecimento intelectual, *dianóia*, conhecimento discursivo, *pistis*, crença e *doxa*, opinião. No mito da caverna, o mundo das Ideias é contemplado pelo prisioneiro que consegue se libertar das correntes e vai para fora, observar todas as coisas; o mundo sensível é representado pelos outros prisioneiros que ficam acorrentados, tomando como verdade as sombras projetadas na parede.

Todos os elementos apresentados no mito têm relação com os temas tratados na Filosofia Platônica: as sombras representam as aparências sensíveis das coisas, ao passo que as estátuas são as coisas sensíveis, o muro é a divisão que há entre o sensível e o suprassensível, as coisas verdadeiras representam as Ideias, propriamente ditas e o sol, representa a Ideia do Bem. Ao interpretar os elementos presentes no mito da caverna, conforme Jeannièr (1995, p.

88), para os prisioneiros as sombras são as únicas coisas que eles conhecem, e que julgam ser real. As marionetes são os objetos reais aos quais as sombras refletem na parede. Os manipuladores são os matemáticos, deles é que provém a voz que os prisioneiros julgavam ser das sombras. O fogo representa o *logos*, que ilumina todo o interior da caverna.

Na parte final do mito, quando da volta do prisioneiro que contemplou o mundo, se percebe que os acorrentados, que tinham as sombras como realidade, desejam matá-lo, por pensar que ele estava em devaneios, o que pode significar o costume ao senso comum daqueles que não se esforçam em fazer o exercício diário de libertar-se para sair da caverna.

A alegoria da caverna ilustra uma experiência interior que muitos homens se recusam a empreender. Mas não se deve reduzir a alegoria a essa experiência, ainda menos a uma libertação individual. O prisioneiro só se evade para voltar. [...], é a volta que dá sentido à fuga. [...]. Mas é ainda mais difícil anunciar a boa nova da libertação. Quando o filósofo voltar a descer até os prisioneiros, ansioso por lhes comunicar a mensagem da liberdade, não será ouvido. Se insistir, arrisca-se a ser morto. Como Sócrates. (JEANNIÈRE, 1995, p. 90)

É interessante notar que, pelo mito, Platão usa da pedagogia para mostrar o percurso que se deve fazer para conseguir se libertar do senso comum. Análoga à experiência vivida no interior da caverna, no mito de Platão, é a manipulação que a mídia exerce sobre a tomada de decisão das pessoas, fazendo com que elas nunca se libertem ou tenham vontade de sair da “caverna” da falta de esclarecimento.

3. O CONTROLE MIDIÁTICO E O CONCEITO DE INDÚSTRIA CULTURAL DE THEODOR ADORNO

Antes de expor o assunto proposto para esse tópico, faz-se necessário compreender o contexto onde nascem as ideias e a teoria de Theodor Adorno. A Escola de Frankfurt - também chamada de Escola da Teoria Crítica - nasce logo após a Primeira Guerra Mundial, em 1924, fundada por Félix Weil, com o nome primário de Instituto para a Pesquisa Social, onde, de acordo com Zilles (2016, p. 184) a ciência e a filosofia eram associadas a fim de gerir um estudo teórico e crítico da sociedade.

A Escola de Frankfurt nasce, pois, como uma forma de interpretação do revisionismo marxista, como uma tentativa de repensar e reformular a tradicional doutrina marxista e sua tradição, submetendo o marxismo a uma reconstrução crítica que considerasse a nova situação do processo revolucionário e as novas condições do chamado capitalismo tardio, perante o capitalismo originário. (ZILLES, 2016, p. 185)

O tripé de inspiração da Escola de Frankfurt é Kant, Hegel e Marx. Kant afirma que somente “os fenômenos são objeto da ciência” (MATOS, 2005, p. 20), Hegel, formula a “crítica ao princípio de identidade e ao exercício formalizador do pensamento kantiano [...]”. Para Hegel, a natureza é cultura que não se sabe cultura” (MATOS, 2005, p. 20) e Marx “toma como ponto de partida a dialética hegeliana”. (MATOS, 2005, p. 20). Para que a Escola de Frankfurt fosse chamada também de Escola da teoria Crítica, devemos considerar que houve uma teoria tradicional, e esta é composta pelo pensamento cartesiano.

Os principais nomes deste movimento são Adorno, Benjamin, Erich Fromm, Horkheimer (que foi com quem a óptica da revista mudou da economia para a filosofia), Marcuse, Félix Weil, Löwenthal e Habermas. “O que inicialmente, os congregava era o projeto filosófico-político de elaborar uma ampla teoria crítica da sociedade”. (ZILLES, 2016. p. 184)

Conforme Matos (2005, p. 66), Adorno nasceu em 1903 e vem de uma família que tem grande contato com a arte. Descobriu os escritos kantianos através de Kracauer. Seus escritos filosóficos iniciaram com sua tese, *A transcendência do objeto e do noemático na fenomenologia de Husserl*. Em 1929, defendeu seu doutorado sob o título *Kierkegaard, construção da estética*, que foi posteriormente publicada pelo Instituto para a Pesquisa Social. Exila-se nos Estados Unidos, onde estabelece maior contato com Horkheimer, de onde nasceu a obra *Dialética do Esclarecimento*, publicada em 1947. Com o fim da Segunda Guerra, Adorno retorna do exílio e em 1958 assume a diretoria do Instituto, em 1968 torna-se reitor da Universidade de Frankfurt, no mesmo ano em que se tornam cada vez mais frequentes as rebeliões estudantis. Faleceu em 1969, na Suíça.

A estadia de Adorno nos Estados Unidos é um tempo propício para que ele desenvolva sua teoria, observando, a questão do consumo musical que as pessoas tinham naquela época. Zuin (2015, p. 22), afirma que durante este período, três foram as experiências marcantes na produção de Adorno: a participação no projeto *The Princeton Radio Research*, onde pode coletar dados sobre a questão radiofônica nos Estados Unidos, que lhe proporcionou escrever alguns ensaios:

Sobre a música popular, *The Radio Symphony, Current of Music: elements of a radio theory*, onde criou o conceito de Indústria Cultural, que abordará em *Dialética do Esclarecimento*; a segunda entre 1946 e 1949, quando conjuntamente a uma equipe de psicólogos desenvolveu a pesquisa *A dinâmica psíquica dos indivíduos nas condições culturais e políticas da sociedade norte americana* e a terceira, foi quando, em 1952, acompanhou a coluna de astrologia do jornal *Los Angeles Times*, que resultou na obra *As estrelas descem à Terra: a coluna de astrologia do Los Angeles Times – um estudo sobre a superstição secundária*, onde Adorno identifica as pessoas como tuteladas à coluna de astrologia, para que pudessem decidir suas ações.

Nessas obras, Adorno conseguiu sintetizar seus interesses críticos e estéticos não só com seus interesses críticos e estéticos não só com seus estudos epistemológicos mais abstrusos realizados em Oxford, mas também com uma explicação teórica da inter-relação entre filosofia e sociedade. Estas questões nunca poderão ser separadas no que se refere à obra de Adorno (THOMSON, 2010, p. 37)

Apesar da grande produção filosófica, de Adorno, neste trabalho nos delimitaremos a obra *Dialektik der Aufklärung*. Muitos comentadores traduzem *Aufklärung* por iluminação, iluminismo ou alguma outra palavra que designe o processo de clareamento das ideias, porém, neste artigo, assumiremos a tradução feita por Guido Antonio de Almeida, na obra publicada em 1985, assim como ele expõe:

A tradução de *Aufklärung* por *esclarecimento* requer uma explicação: por que não recorremos ao termo iluminismo, ou iluminação, que são as expressões mais usuais entre nós para designar aquilo que conhecemos como a *Época* ou a *Filosofia das Luzes*? [...] por uma questão de maior fidelidade: a expressão *esclarecimento* traduz [...] o sentido mais amplo que o termo encontra em Adorno e Horkheimer, bem como o significado corrente de *Aufklärung* na linguagem ordinária. É bom que se note, antes de mais nada, que *Aufklärung* não é [...] uma expressão familiar da língua alemã, que encontra um correspondente exato na palavra portuguesa *esclarecimento*, [...] o processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática [...]. (ALMEIDA, In.: ADORNO, HORKHEIMER, 1985. p. 9)

Por conta das influências que sofreu, durante a vida, nas dimensões acadêmica e científica, Adorno escreve a Thomas Mann: “Estudei filosofia e música.

Em vez de me decidir por uma, sempre tive a impressão de que perseguia a mesma coia em ambas” (ZUIN; et al. 2015, p. 12) e ao citar o termo *esclarecimento*, é impossível deixar de citar o texto de Kant *Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento? (Aufklärung)*, onde o autor explicita que o Esclarecimento como um processo de saída da menoridade.

No referido texto, Kant (1985, p. 100) afirma que o homem é culpado por sua menoridade e que esta se caracteriza pela incapacidade de fazer uso do próprio entendimento, necessitando sempre da tutela de outras pessoas, pois é cômodo ser menor. Essa tutela se rompe quando o homem faz uso de sua liberdade. Para Kant, o Esclarecimento é o processo no qual o homem deixa de ser tutelado e passa a fazer uso de sua razão, não deixando que as instituições modelem e moderem seu pensar e agir.

É importante salientar que, assim como Kant, que viveu durante o surgimento do Iluminismo, Adorno viveu também em um grande momento histórico: a ascensão de Hitler ao poder, em 1919, instaurando o governo nazista na Alemanha, e ele, “como filho de judeu, lamentou a situação de extermínio que assolou seu povo” (ZUIN, 2015, p. 21) e também viveu os horrores da Segunda Guerra Mundial, quando se exilou nos Estados Unidos.

O Iluminismo, o nazismo e a Segunda Guerra Mundial foram três acontecimentos que revolucionaram a História, influenciando diretamente na produção literário-filosófica nas épocas que ocorreram. O Iluminismo (assim chamado em oposição a como se conhecia o período anterior, como Idade das Trevas), também chamado de Século das Luzes, foi um movimento político, literário e filosófico, onde “o pensamento humano passou por mudanças cruciais” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 253), onde os modelos heliocêntrico e teocêntrico dão lugar respectivamente ao geocentrismo e ao antropocentrismo. Com os olhos voltados para o homem, é desenvolvida uma Filosofia voltada para o bem viver em sociedade, a política, e para isso o homem deveria ser totalmente esclarecido, ideia que Kant prega em seu texto *Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento? (Aufklärung)*, que foi escrito nesta época.

O Iluminismo foi um movimento intelectual europeu que se constituiu de forma plena no século XVIII com os enciclopedistas franceses Voltaire, Diderot, Helvétius, Rousseau, e outros. Na Inglaterra, é Locke o seu representante mais expressivo. Na Alemanha, Kant. O Iluminismo nasceu e se desenvolveu a partir da valorização da ‘luz natural’ ou ‘razão’. A razão iluminista prometeu conhecimento da natureza através da ciência, aperfeiçoamento moral e

emancipação política. [...]. Como seres dotados de razão, devemos nos valer de nosso próprio entendimento, sem tutela do outro. A razão esclarecida é a razão em estado de maioridade. O lema do iluminismo kantiano é: ‘ousar saber’. (MATOS, 2005, p. 30)

O nazismo foi um movimento ideário-político que aconteceu com a tomada de Adolf Hitler ao poder. “Com a consolidação do nazismo no poder, a sociedade alemã passou por mudanças significativas” (SANTIAGO, 2007, p. 612) pregando que havia uma raça pura, superior, e que somente esta deveria ser conservada, inferiorizando judeus, cristãos, ciganos e negros, prendendo-os executando-os nos campos de concentração.

Conforme Santiago, (2012, p. 616) a Segunda Guerra Mundial ocorreu entre 1939 e 1945 entre os países do Eixo (os principais são Alemanha, Japão e Itália) contra os países Aliados (liderados pela União Soviética, Estados Unidos, Reino Unido e China), que saíram vitoriosos com a afirmação da União Soviética e os Estado Unidos como superpotências mundiais, (que preparou o cenário da Guerra Fria).

Foi durante este período que Adorno se exilou nos Estados Unidos, e onde viveu um tempo intenso de produção acadêmica. A obra, *Dialética do Esclarecimento* foi escrita em parceria com Horkheimer em 1947, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, onde, a partir do contexto eles analisam como a sociedade pode se deixar controlar pelos aparelhos do Estado. Os autores expressam assim seu objetivo ao escrever a obra:

O que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11)

Na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer usam o termo ‘indústria cultural’, em substituição ao primário termo ‘cultura de massa’, porém para entender o que ele é, precisamos voltar nos anos que Adorno esteve exilado nos Estados Unidos quando trabalhou no *The Princeton Radio Research*.

Thomson, analisando a obra de Adorno e Horkheimer, vai afirmar que a criação do termo ‘indústria cultural’ surgiu quando os autores observaram uma espécie de coisificação da arte, considerando-a como um produto:

É essencial compreender o fato de que, quando Adorno usa a expressão 'indústria cultural', ele não quer dizer que seja sinônimo de 'indústria de entretenimento' [...]. Adorno está interessado na cultura como um todo. A ideia de indústria é acrescentada para qualificar o termo cultura e indicar que essa situação não é natural, inevitável, espontânea. A indústria de entretenimento que Adorno e Horkheimer puderam observar de perto em seus anos na Califórnia vem a servir como uma metáfora para o que aconteceu à própria ideia de cultura. [...]. O uso da expressão 'indústria cultural' por Adorno e Horkheimer é uma tentativa de encontrar um vocabulário com o qual possam superar as duas posições entrelaçadas a que eles se opõem: o desdém burguês pela cultura popular que deixa de tornar-se arte, e a polêmica rejeição da arte como simplesmente falsa. (THOMSON, 2010, p. 95)

Para os autores, a indústria cultural é responsável por provocar nas pessoas a falsa ideia de necessidade de consumo de um produto pela forma com que ele é apresentado. Adorno faz sua pesquisa referente aos anúncios de rádio e televisão quando esteve exilado nos Estados Unidos. Conforme Matos (p. 63, 2005), a crítica presente na *Dialética do Esclarecimento* à 'indústria cultural' é pelo fato dela ser antidemocrática. Hoje, podemos comparar todo o resultado da pesquisa de Adorno ao trabalho que fazem os escritórios de publicidade e propaganda, criando comerciais para os mesmos veículos que Adorno estudou, a rádio e a televisão.

Horkheimer e Adorno não só criaram o conceito de indústria cultural, mas também propuseram as linhas gerais de sua crítica na *Dialética do Esclarecimento*. Segundo eles, os tempos modernos criaram, por um lado, a ideia de que somos livres e distintos, e, por outro, poderemos criar uma sociedade mais justa na qual todos se realizem individualmente (ZILLES, 2016, p. 190)

Depois de conceituarmos a indústria cultural que Adorno e Horkheimer definiram, chegamos ao cerne deste artigo, para podermos refletir sobre a questão da manipulação midiática, que é um processo muito observado em nossos dias, aonde aqueles que expõem as notícias na televisão ou no rádio vão muito além do objetivo de informar, mas hoje, com a indústria cultural, tudo que é veiculado virou produto de compra e venda, assim podemos identificar a mídia como os novos sofistas, que na Grécia Antiga eram considerados aqueles que tinham o melhor discurso de convencimento.

Assim podemos fazer a ponte entre os prisioneiros da caverna de Platão, que tinham como verdadeiro apenas as sombras dos objetos projetados na

parede, com a população, que hoje é cada vez mais manipulada com a venda das notícias pelos meios de comunicação, que já oferece o conteúdo pensado e refletido ao homem, que não se esforça para buscar outras e novas fontes de pesquisa e conhecimento, o que nos faz novamente citar Kant (1985, p. 100), ao afirmar que o homem é o verdadeiro culpado pela sua menoridade, sem querer atingir o esclarecimento por causa de sua preguiça, e por esta situação lhe ser confortável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo pretendeu explicitar a relação existente entre o mito da caverna, que se encontra na *A República*, de Platão com a manipulação que os indivíduos sofrem influenciados pela mídia nos tempos hodiernos.

Para tanto, no primeiro tópico buscou-se apresentar o contexto histórico-filosófico de Platão, apontando os acontecimentos que o levou a escrever *A República*, evidenciando que a obra é uma tentativa de reorganizar a *pólis* grega, que se encontrava em crise.

No segundo tópico, dedicado exclusivamente ao mito da caverna, expôs-se sobre os quatro conceitos do mito da caverna, bem como seus significados, para que se pudesse entender melhor o que Platão quis apresentar com este fragmento, onde ele ilustra grande parte de sua doutrina filosófica.

No terceiro tópico, é apresentada, através da obra *Dialética do Esclarecimento*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer, a partir do conceito de indústria cultural, a manipulação midiática que fora estudada pelos autores, buscando a exemplificação deste processo, através dos prisioneiros da caverna de Platão.

Todo o percurso percorrido por este artigo buscou evidenciar que para sair da caverna e conseqüentemente contemplar a Verdade, bem como romper com o controle midiático, é necessário que o homem, a partir do bom uso de sua razão, saia da menoridade, e atinja o esclarecimento, no conceito proposto por Kant.

Para conseguir sair da menoridade, a proposta kantiana é romper com as tutelas externas, apesar do homem sentir-se seguro enquanto tutelado, nesse sentido, a mídia se revela, na contemporaneidade como uma dessas tutelas que precisam ser superadas. Para a Escola de Frankfurt - guiada por um espírito pessimista - não há nada o que fazer quanto ao rompimento dessas tutelas, que o homem está condenado a ser tutelado, a essa racionalidade instrumentalizada, que se apresenta em nossos dias.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 223 p.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. Teorias éticas. *In.*: _____; _____. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009. p. 247 - 263.

_____; _____. A política normativa. *In.*: _____; _____. **Filosofando**: introdução à Filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009. p. 285 – 297.

BOBBIO, N. Platão. *In.*: _____. **A teoria das formas de governo**. Tradução de Sérgio Bath. 7. ed. Brasília: Editora UnB, 1994. p. 45 – 54.

COTRIM, G; FERNANDES, M. Pensamentos clássico e helenístico: Platão – Alicerces da filosofia ocidental. *In.*: _____; _____. **Conecte Filosofar**. 2. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2014. p. 233 – 236.

JEANNIÈRE, A. A juventude de Platão. *In.*: _____. **Platão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 9 – 25.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é Esclarecimento? (Aufklärung). *In.*: _____. **Immanuel Kant**: Textos seletos. Tradução de Floriano de Sousa. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. p. 100 – 117.

MATOS, O. C. F. **A Escola de Frankfurt**: luzes e sombras do iluminismo. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005. 112 p.

SANTIAGO, P. Mundo: Segunda Guerra Mundial. *In.*: _____. **Por dentro da história**: ensino médio. São Paulo: Escala Educacional, 2007. p. 611 – 622.

PLATÃO. A República de Platão. *In.*: _____. A República de Platão. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Abril Cultural, 1999. p. 225 – 228. (Coleção Os pensadores).

PLATÃO. **A República**. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 8. ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1949. 513 p.

REALE, G.; ANTISERI, D. Platão e a Academia antiga. *In.*: _____; _____. **História da filosofia**: Filosofia pagã e antiga. Tradução de Ivo Storniolo. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 131 – 167. 1v. (Coleção História da Filosofia).

RIBEIRO, A. A.; SARDI, J. A. Platão. *In.*: PECORARO, Rossano (Org.). **Os filósofos**: clássicos da Filosofia de Sócrates a Rousseau. 1. ed. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008. p. 40 – 60. 1.v.

THOMSON, A. **Compreender Adorno**. Tradução de Rogério Bettoni. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 220 p. (Série Compreender).

ZILLES, U. Escola da teoria crítica. *In.*: _____. **Panorama das filosofias do século XX**. São Paulo: Paulus, 2016. p. 183 – 205. (Coleção Filosofia)

ZINGANO, M. Platão. *In.*: _____; GLEISER, M. (Coord.). **Platão e Aristóteles**: o fascínio da Filosofia. 1. ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2002. p. 17 – 58. (Coleção Imortais da ciência).

ZUIN, A.; PUCCI, B.; LASTÓRIA, L. N. Primeira lição – Vida e obra. *In.*: _____; _____; _____. **10 lições sobre Adorno**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 11 – 20. (Coleção 10 lições)

_____; _____; _____. Segunda lição – Estágio norte-americano: a música popular, os horóscopos e a personalidade autoritária. *In.*: _____; _____; _____. **10 lições sobre Adorno**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 21 – 30. (Coleção 10 lições)